



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE AO BRASIL

(30 DE JUNHO - 12 DE JULHO DE 1980)

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II POR OCASIÃO DO ENCONTRO ECUMÊNICO EM PORTO ALEGRE

Porto Alegre, 4 de Julho de 1980

Caríssimos irmãos no Senhor,

“Oh! como é bom e agradável estarem os irmãos reunidos”. (*Sal* 133,1)

1. É este sentimento que me domina a alma ao compartilhar com os senhores, representantes de muitas comunidades evangélicas no Brasil, este momento espiritual de oração e de encontro no Senhor. É Ele, com efeito, quem nos une com sua graça, e quem, por seu Santo Espírito, nos dá, a uns e outros, a força para proclamarmos diante do mundo e “publicamente, a Jesus Cristo como Deus e Senhor e único Mediador entre Deus e os homens, para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo” (*Unitatis Redintegratio*, 20).

Se muitas coisas ainda nos separam, no plano da fé e do agir cristão, isso, longe de deixar-nos indiferentes ou, ainda pior, de fechar-nos em nós mesmos, deverá levar-nos, e de fato já nos leva, a procurar mais intensa e mais fielmente a união plena, através de conversações e encontros, através do diálogo sincero e leal, através do testemunho comum dado em favor de Senhor de todos e, sobretudo, através da oração constante. A Semana da Unidade, que de há alguns anos se tornou usual em nossas Igrejas, é um momento inclusive de compartilhar esta oração. Não foi em vão que disse o Senhor: “Onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles” (*Mt* 18, 20).

2. Sabemos que, em muitos cristãos do Brasil, existe também esta consciência dos elementos de

união já existentes e esta vontade ardente de chegar à união que ainda esperamos. Graças a isso foi possível estabelecer aqui, entre algumas Igrejas e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, um projeto criando um Conselho Nacional das Igrejas com a finalidade de manter um quadro estável para o diálogo e a colaboração, para com o intuito de um incessante trabalho à procura da união entre os cristãos.

Congratulo-me por esta realização, que pode ser prelúdio de outras iniciativas na mesma direção.

Podem, assim, os cristãos dar, juntos, um renovado testemunho de sua fé no Senhor e de sua comum esperança, enquanto se esforçam também em comum, segundo a vocação específica dos discípulos de Cristo, para que as exigências dessa mesma fé, fonte de caridade e de justiça, se traduzam na vida concreta, particular e pública, de vossa nação.

Não posso, por isso, deixar de mencionar aqui o que se fez, no âmbito de colaboração entre cristãos, em favor dos direitos humanos e de sua plena vigência. E, ao dizer isto, refiro-me não só a certas e importantes iniciativas no plano da apresentação e fundamentação evangélica de tais direitos, mas também ao trabalho cotidiano, em tantos lugares e circunstâncias tão diversas, pela defesa e promoção de homens e mulheres, especialmente dos mais pobres e esquecidos, que a sociedade atual tende frequentemente a abandonar a si próprios e a marginalizar, como se não existissem ou como se sua existência não contasse. “O caminho da Igreja é, na verdade, o homem”, como pretendi explicar em minha primeira Encíclica “*Redemptor Hominis*” (n. 14). Desta forma, põem-se também em prática diversas orientações fundamentais do Documento de Puebla, recolhidas no capítulo sobre o diálogo e em outros textos.

3. Não desejo concluir este encontro fraterno sem recordar que, há poucos dias, celebram-se os quatrocentos e cinquenta anos da publicação da assim chamada Confissão de Ausburgo. Conheço bem a importância deste texto para muitas comunidades eclesiais, nascidas da Reforma, e são para mim motivo de sincera satisfação o interesse e a ressonância que esta celebração encontrou na Igreja Católica. O Senhor faça que isto contribua ainda mais para aclarar os caminhos para a união, de que falávamos no começo.

Caríssimos irmãos, nossa responsabilidade como cristãos é muito grande, diante de nosso comum Senhor, diante dos homens concretos, com os quais temos que tratar, e diante de nós mesmos.

Não a podemos ignorar nem, menos ainda, ser-lhe infiéis. Peçamos juntos a Nosso Senhor a graça de sermos, também nós, “testemunhas fiéis e verdadeiras”(Apoc. 1, 5; 3, 14), para que o possamos ser plenamente, um dia, na união perfeita, à imagem da Trindade divina (cf. Jo 17, 22-23) e para sua glória.
